

FONTE : CB

CLASS. : 356

DATA : 03 09 90

PG. : 03 / dois

Mitos e cantos sagrados dos guaranis

O antropólogo francês Pierre Clastres é conhecido no Brasil por seu *A Sociedade Contra o Estado*, coletânea de ensaios



extremamente instigantes sobre as sociedades indígenas sul-americanas. Com um olho nos povos ditos primitivos e outro na nossa civilização "ocidental", Clastres não se limita a oferecer um nítido retrato da organização social indígena — que, mais do que "sem Estado", se estabelecerá "contra o Estado", impedindo de todas as formas seu surgimento. Ele nos ajuda também a entender melhor o nosso mundo "civilizado".

Clastres faleceu prematuramente em 1977, aos 43 anos de idade. Sua obra, embora curta, é uma das mais marcantes da antropologia. *A Fala Sagrada*, seu novo livro publicado no Brasil, foi lançado originalmente em 1974, mesmo ano de *A Sociedade Contra o Estado*. Mas, ao

contrário deste, não tem polémicas. Ele apenas reúne mitos e cantos sagrados dos índios guarani, aos quais adiciona valiosos comentários. Um bellissimo trabalho de pesquisa antropológica, que recupera uma mitologia tão rica quanto pouco conhecida.

Depois de uma introdução de Clastres, vem o *Genesis* guarani. Das trevas do nada, nasce o deus-criador Namandu: "Nosso pai, o último, nosso pai, o primeiro, fez com que seu próprio corpo surgisse da noite imaginária". Curiosamente, na ordem da Criação, Namandu opta por criar — ou melhor, desdobrar-se, pois o que ele faz é desdobrar-se em vários entes — primeiro os humanos e somente depois os outros deuses, entre os quais o mais conhecido, Tupã.

Depois, é criada a Terra, sustentada por cinco palmeiras. Um a um, os viventes vão sendo depositados nela: "A primeira a sugar o leite da terra foi a serpente originária", "aquele que foi o primeiro a fazer ouvir sua lamentação foi *yrypa*, a cigarra"; "o primeiro a ferir o leite da terra de nosso pai foi o tatu". É interessante observar que só existe uma serpente originária, um tatu verdadeiro e assim por diante, e que estes animais pri-

meiros todos se recolheram ao "limite do firmamento". Na terra só permanece a imagem de cada um.

Com o dilúvio universal — um tema cuja recorrência nas mais distantes mitologias é impressionante — termina a idade de ouro e se constrói uma nova terra. Clastres transcreve ainda vários outros mitos, incluindo as aventuras dos gêmeos Sol e Lua (em quatro versões diferentes, recolhidas em várias tribos), a origem do fogo e textos que, segundo ele, formam uma espécie de "meta-mitologia", indo além do mito.

A leitura dos mitos e cantos que compõem *A Fala Sagrada* pode fornecer momentos de genuíno prazer. Os comentários de Pierre Clastres não podem ser deixados de fora — eles elucidam passagens mais obscuras e relacionam os textos com o cotidiano dos guarani. Ajudam a nos fazer conhecer um mundo que teima em prosseguir existindo, apesar de todos os esforços que os conquistadores brancos vêm envidando por sua destruição, já fazem quase 500 anos.

A Fala Sagrada — Pierre Clastres. Tradução de Nícia Adan Bonatti. Campinas, Papirus, 1990, 144 páginas, Cr\$ 1000